

NIETZSCHE E BELCHIOR, UM IMPROVÁVEL ENCONTRO ENTRE O MARTELO E A FACA

NIETZSCHE AND BELCHIOR, AN UNLIKELY ENCOUNTER BETWEEN THE HAMMER AND THE KNIFE

Maria Piedade dos Santos Bandeira¹

Introdução

O objetivo deste trabalho é tecer algumas considerações aproximando a obra do poeta compositor cearense Belchior à filosofia de Friedrich Nietzsche, além de promover uma livre interação entre as biografias destes dois espíritos libertários. Pretendo também demonstrar que a obra de Belchior se harmoniza com o pensamento de Nietzsche em muitos aspectos de sua produção poética. Com a finalidade de esclarecer estes comentários, abordarei resumidamente alguns conceitos da filosofia nietzschiana para ampliar a compreensão dos assuntos aqui apresentados.

No aforismo 299 de A Gaia Ciência Nietzsche comenta que com os artistas aprendemos a tornar as coisas belas e aparentes, e conclama seus leitores a serem mais do que os artistas, serem poetas-autores de suas próprias vidas. O trovador cearense Belchior, que fez de sua vida uma extensão de sua arte, afirmou em uma entrevista histórica no antigo jornal Pasquim (recomendo fortemente a leitura) que “A arte é o poder da fecundidade e o Poder é o poder da esterilidade”. Pretendo apresentar neste ensaio um quadro demonstrando que ambos foram filósofos e artistas que fizeram de sua própria vida uma obra

¹ Mestre e doutoranda em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) Email: mbandeir@gmail.com

de arte.

Em seu primeiro livro *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche nos fala dos impulsos artísticos ligados à natureza, nomeando-os com os nomes dos deuses gregos Apolo e Dionísio. Nietzsche afirma que a expressão artística se dá através da composição dessas duas forças naturais, apolínea e dionisíaca.

Neste momento sua filosofia associa-se tanto à Schopenhauer, através do seu conceito de vontade, quanto à música do compositor Wagner, a quem ele dedica o primeiro prefácio do livro. Tais associações, fortemente dominantes no período iniciante da filosofia de Nietzsche, carregam a convicção de que *só como fenômeno estético a existência e o mundo aparecem eternamente justificados*. Posteriormente, Nietzsche rompe com esse modo metafísico de interpretar o processo criativo, mantendo porém a necessidade estética para a vida: *“Como fenômeno estético a existência ainda nos é suportável, e por meio da arte nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno”* (Nietzsche, *A Gaia Ciência* §107).

No modo de interpretar apresentado em *O Nascimento da Tragédia*, o objetivo principal perseguido por ele era o renascimento da cultura trágica e seu vigor dionisíaco, que afastaria a sociedade moderna do excesso de civilização, identificada pelo princípio apolíneo de limitação que tira a liberdade e a vontade criadora. Para o jovem Nietzsche, o renascimento da música trágica retomaria o vigor e a vontade do que ele identifica como espírito dionisíaco, em contraposição ao apolíneo que limita e impõe barreiras ilusórias ao criar. Retomar a cultura clássica era para o jovem Nietzsche, uma forma de enfrentar a decadência da sociedade moderna, tomada pelos valores niilistas que contrariam e negam a potência da vida.

Posteriormente, como percebemos no aforismo §107 de *A Gaia Ciência* aqui antes citado, na medida em que Nietzsche vai construindo sua própria filosofia, a arte passa a ser pensada na perspectiva da vida. Inclusive, é importante lembrar que quatorze anos após a publicação de *O Nascimento da Tragédia*, Nietzsche acrescenta um novo prefácio a obra, com o título de “Tentativa de autocrítica” e nele propõe *ver a ciência com a óptica do artista*,

mas a arte, com a da vida.

Nesta perspectiva, Nietzsche sugere fazer da própria vida uma obra de arte. Tomando a expressão do poeta lírico Píndaro “*Torna-te quem tu és*”, o filósofo fala de um modo de vida que afirma a si mesma, sua singularidade, expressando-a esteticamente. E é na obra *Ecce Homo* que Nietzsche apresenta como ele próprio se tornou aquele que sempre foi, ou seja, como fez de sua vida uma obra dionisíaca, tomada pela potência de destruir e recriar novos valores.

Aproximando a vida e obra do poeta Belchior com a filosofia nietzschiana.

246

Ypê
Belchior

*Contemplo o rio, que corre parado
E a dançarina de pedra que evolui
Completamente sem metas, sentado
Não tenho sido e eu sou não serei nem fui
A mente quer ser, mas querendo erra
Pois só sem desejos é que se vive o agora
Vede o pé de ypê, apenasmente flora
Revolucionariamente
Apenso ao pé da serra
Revolucionariamente
Apenso ao pé da serra*

Tanto Nietzsche quanto Belchior tiveram seus primeiros contatos com a filosofia clássica grega ainda muito jovens, através dos estudos religiosos. Nietzsche, por ser filho e neto de pastores luteranos e Belchior por escolher a vida de noviço em sua juventude, atraído pelo estudo da filosofia que aprendeu com os frades da igreja franciscana de Sobral, no Ceará. Entretanto podemos considerar que ambos logo se desencantaram com a vida religiosa e buscaram avançar em seus questionamentos, posto que suas obras apresentam elementos que rompem com a metafísica ocidental cristã, e fizeram da filosofia uma

ferramenta livre de compreensão e análise do mundo real, como deve ser. Anos depois do mosteiro, Belchior escrevia em uma de suas canções: “*Minha voz quer ser um dedo na tua chaga sagrada/ Uma frase feita de espinho/ Espora em teus membros cansados/ Sensual como o espírito / Ou como o verbo encarnado*” (Sensual, 1978). Sabemos que Nietzsche em suas obras critica veemente a moral cristã, que chama de platonismo para o povo, religião do rebanho, principal fonte de moral niilista que leva à decadência do homem moderno.

Falo aqui de espíritos livres, andarilhos, poetas e filósofos. Na poesia *Ypê*, que lembra os tempos da adolescência vivida no Colégio dos Frades, Belchior expressa seu espírito contemplativo e questionador em uma experiência singular. Frei Sobral, sua alcunha na época, demonstra o conflito entre seu espírito libertário e a resignação ao dogma de uma verdade única que lhe era apresentada no mosteiro. Nasceu poeta e se fez músico pela vivência de seu próprio tempo. Permaneceu poeta porque Belchior teve sempre um estilo estético bastante singular, demonstrando um cuidado com a métrica e a linguagem, mais até do que com a própria música. Típico de compositores que tem algo a expressar, e que fazem deste ofício, uma militância ética e estética que visa provocar no receptor um pensar crítico. Sua preocupação era sempre fazer esta articulação entre suas composições e a realidade cotidiana do ser humano de seu tempo. Criticava e escrevia sobre tudo o que via e sentia dentro do contexto sócio-político. Em uma de suas poucas entrevistas, Belchior afirmava ter sido desde criança um leitor de poetas da tradição literária nacional e que inseria citações destes poetas em suas canções por acreditar ser a música popular um importante canal para divulgação em massa da cultura brasileira e ferramenta para o despertar filosófico, unindo cultura nordestina e filosofia. Talvez esse tenha sido o principal obstáculo para sua inserção no dito *show business*, já que em seu caráter essencialmente mercantilista as gravadoras buscam sempre músicas de pouca consistência cultural. Principalmente nos anos em que Belchior surgia no cenário musical, dominado por severa censura cultural imposta pelos governos ditatoriais brasileiros.

Contestação e recusa a padrões

*Não quero regra nem nada
Tudo tá como o diabo gosta, tá,
Já tenho este peso, que me fere as costas,
e não vou, eu mesmo, atar minha mão.*

*O que transforma o velho no novo
bendito fruto do povo será.
E a única forma que pode ser norma
é nenhuma regra ter;
é nunca fazer nada que o mestre mandar.
Sempre desobedecer.
Nunca reverenciar. (Belchior - Como O Diabo Gosta)*

Belchior fazia sempre questão de dizer que só existe liberdade onde se pode dizer não. Nietzsche, em seu modo crítico e genealógico de repensar a cultura ocidental, coloca sempre sob suspeita todo o estabelecido.

O rapaz de Sobral que chegou a completar o curso de filosofia acabou por se tornar um artista mas se recusou a ser dominado pela indústria do espetáculo. Neste ponto podemos fazer um paralelo com a recusa de Nietzsche à vida acomodada e dogmática de seus colegas professores universitários em Basileia. Um fato marcante de sua conturbada trajetória como professor foi a série de conferências que Nietzsche profere em 1872 na universidade de Basileia, sobre os estabelecimentos de ensino, que tiveram uma repercussão negativa por parte de seus colegas filólogos, incomodados por seu caráter questionador sobre os problemas da educação, da cultura, e da sociedade em geral. Outro aspecto importante a salientar é que Nietzsche era um filósofo poeta, ou um poeta filósofo, como tantos outros, como Platão por exemplo. Seu fazer filosófico pulsava arte em suas diversas formas literárias e talvez justamente por isso Nietzsche não tenha se conformado aos vícios acadêmicos da filosofia alemã. Entretanto por este motivo sua filosofia foi por muitos anos rejeitada pelos responsáveis pelas pesquisas científicas, por ser classificada

como não filosófica. Até mesmo atualmente ainda persistem os que questionam sua filosofia por filiarem-se a estudos extremamente formais e fiéis à tradição da lógica hegemônica.

A Fidelidade ao Corpo

*Deixando a profundidade de lado
Eu quero é ficar colado à pele dela noite e dia
Fazendo tudo de novo e dizendo sim à paixão morando na filosofia
Eu quero gozar no seu céu, pode ser no seu inferno
Viver a divina comédia humana onde nada é eterno
Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso
Eu vos direi no entanto
Enquanto houver espaço, corpo e tempo e algum modo de dizer não
Eu canto (Belchior - Divina Comédia Humana)*

249

Criticando a metafísica socrática por desprezar o corpo e a terra, em função da alma e do mundo das ideias, Nietzsche via o corpo como um todo complexo, repleto de forças que agem incessantemente em busca de superação. Desprezar o corpo, para Nietzsche, é enfraquecer o homem, torná-lo submisso, por negar sua maior potência que está justamente em exercer sua vontade psicofisiológica. Nunca uma vontade egoísta, mas singular, capaz de dominar a si e expressar esse domínio no convívio social, plenamente consciente dos prós e contras de suas afecções. Não um “tu deves” válido universalmente, mas uma capacidade de decisão afirmativa em cada momento da vida, um sagrado dizer sim, um juízo intuitivo de cada gesto. É a vontade de potência que comanda o corpo e que é capaz de, dotada de amor-fati (amor pelo destino) agir dionisiacamente, em concordância com sua própria natureza. Este é para Nietzsche o tipo homem soberano, que está para além-do-homem da moralidade cristã e que em sua fidelidade ao corpo, compreende que é

preciso dizer não a qualquer tentativa de escapar a corporeidade, em favor de uma eternidade trasmundana. Viver bem esta vida é aceitá-la como um embate complexo de multiplicidades, em que cada força está em busca de superação: *“O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um só sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor.”* (Assim falou Zaratustra - Dos Desprezadores do corpo)

Dentro dessa perspectiva, pode-se dizer que Belchior compreendia o corpo como esse feixe de contraditórias emoções que precisa ser lembrado, exaltado como o faz em suas canções.

*Meu bem, o meu lugar é onde você quer que ele seja
Não quero o que a cabeça pensa
Eu quero o que a alma deseja
Arco-íris, anjo rebelde
Eu quero o corpo,
tenho pressa de viver (Belchior in Coração Selvagem)*

Solitários e andarilhos

*E eu quero é que esse canto torto feito faca
Corte a carne de vocês (Belchior - À Palo Seco)*

O martelo se tornou o objeto símbolo da filosofia destruidora de ídolos de Nietzsche, necessário para a transvaloração de todos os valores. Em seu *Crepúsculo dos Ídolos*, Nietzsche propõe um firme embate contra os filósofos da tradição, Sócrates, Platão, e até mesmo os alemães, todos aqueles que ele nomeia *“melhoradores da Humanidade”*. Sendo assim, para Nietzsche o artista carrega a responsabilidade de se insurgir contra a moral de sua época, provocando a criação de novos valores. Em *Do caminho do criador* Zaratustra ensina, *vai para tua solidão com teu amor, irmão, e com teu criar; e somente depois a justiça te seguirá claudicando. Vai para tua solidão com minhas lágrimas, irmão. Amo aquele que quer criar além de si e assim perece.*

A faca, que corta na carne, pode ser pensada como símbolo da música de Belchior que, muito além do poeta lírico, era dramático e dionisiaco. Se tornou conhecido do grande público quando venceu o Festival Universitário da Canção Popular da antiga TV Tupi com a composição “*Na Hora do Almoço*”, no ano 1971. Portanto, já aparece como um cronista dos costumes sociais, demonstrando sua estranheza dentro de um mundo idealista. Os versos que dizem “*No centro da sala, diante da mesa/No fundo do prato, comida e tristeza/A gente se olha, se toca e se cala/E se desentende no instante em que fala/Medo, medo, medo, medo, medo, medo*” retrata uma cena cotidiana, uma família reunida em torno da mesa de jantar, porém sem que isto faça algum sentido para o poeta de Sobral.

Ironiza outros compositores da época, como Caetano Veloso e seu “*Tudo é divino maravilhoso*”, em uma canção que vale a pena analisar alguns trechos. Esta canção fala de um rapaz latino-americano, sem dinheiro, sem conhecidos importantes, que chega ao Rio de Janeiro, vindo do Norte, com um sonho na bagagem. E que responde à canção do compositor baiano, dizendo que não, nada é divino, nada é maravilhoso. Ao contrário, tudo é proibido. E por isso ele não pode fazer uma canção limpa e suave, como lhe pedem as gravadoras. Só pode cantar com palavras que sejam como navalhas e que certamente ferirão alguém. E termina dizendo “*não se preocupe meu amigo, com os horrores que te digo, pois isto é só uma canção, a vida é muito pior! Nada é misterioso!*” (Belchior, *Apenas uma rapaz latino-americano*). Este é um exemplo do quanto Belchior assumiu seu papel de artista contestador, existencialista e realista.

Também responde Caetano contrapondo “*o sol é tão bonito*” da canção (*Alegria, alegria, 1968*) assumindo a voz do excluído retirante nordestino, e mais realista ainda canta em *Fotografia 3x4*: “*Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua/A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia/E pela dor eu descobri o poder da alegria/E a certeza de que tenho coisas novas/Coisas novas pra dizer*”.

E sobretudo afirma a vida dizendo que *viver é melhor que sonhar* (*Como nossos Pais, 1976*), e no melhor estilo discípulo de Zaratustra, Belchior segue seu caminho, sempre desajustado, sempre crítico, sempre errante. E neste

caminhar é que se faz artista imortal, e encontra-se com Nietzsche, poeta Zaratustra.

Considerações finais

*Eu não estou interessado
Em nenhuma teoria
Nem nessas coisas do oriente
Romances astrais
A minha alucinação
É suportar o dia-a-dia
E meu delírio
É a experiência
Com coisas reais (Belchior - Alucinação)*

Apenas imaginemos uma noite boêmia e nostálgica ao som de Belchior, inspirada pela leitura de *Assim Falou Zaratustra* como semente que muito tempo depois germinou, nascendo este texto.

Nietzsche e Belchior faziam de sua poesia filosófica, ou de sua filosofia poética, ferramentas de provocação, por estarem ambos profundamente mergulhados nos problemas de seu tempo, preocupados com os destinos da humanidade. É na ausência de significado causal detectado por eles desde cedo, que criam sua filosofia para uma vida imanente, ética e esteticamente potente.

Na loucura e isolamento também se encontraram. Nietzsche pela doença e Belchior por escolher o autoexílio. O que podemos dizer de nossa vã “consciência”?

Belchior dizia que “*palavra e som são meus caminhos para ser livre*”. A liberdade dionisíaca de Nietzsche veio através da loucura. O que muitos apontam como sinais de insanidade em seus escritos finais se revelam muitas vezes de uma clara beleza filosófica.

Enfim, ambos estão mortos! E aquele sistema mercantilista que eles tanto criticaram já se apropria de suas obras, formando fiéis seguidores, para desgosto de ambos.

E eu que estou muito cansada do peso da minha cabeça, fico por aqui.

Bibliografia

NIETZSCHE, Friedrich - **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. Tradução J. Guinsburg. Cia das Letras, SP, 1992.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém** - Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza - Companhia das Letras - SP, 2011.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro** - Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza - 1ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos Ídolos (ou como filosofar com o martelo)** - Tradução Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro - Relume Dumará, 2000.

NIETZSCHE, F. **A Gaia Ciência** - Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo** - Tradução Lourival de Queiroz Henkel - Rio de Janeiro: Agir, 2013.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da Moral: Uma polêmica** - Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza - São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Artigos

ROSSETTI, Regina & Paula Cristina. Nietzsche e Belchior: muito além do bigode. **Revista Sonora**, 2017, vol.6 nº12.

SILVA, Gislaine Maria. Era uma vez um homem e o seu tempo: aspectos éticos e estéticos na lírica de Belchior - **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, nr. 27, 2006 dialnet.unirioja.es

Outros

- Entrevista de Belchior ao jornal **O Pasquim** nº 22, de 1982, disponível em <http://taratitaragua.blogspot.com/2013/01/entrevista-de-belchior-ao-jornal-o.html>



Recebido em: 08/2021
Aprovado em: 09/2021

